CARTA DE CONJUNTURA

NÚMERO 72 — NOTA DE CONJUNTURA 13 — 3 ° TRIMESTRE DE 2026

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

INFLAÇÃO

Inflação por faixa de renda: agosto de 2026

Maria Andreia Parente Lameiras
Técnica de Planejamento e Pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea)

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Divulgado em 15 de setembro de 2026.

Os dados do Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda mostram que, em agosto, houve desaceleração da inflação, na margem, para todas as classes pesquisadas, com deflação em todos os segmentos, repercutindo, sobretudo, as quedas da energia elétrica, dos alimentos no domicílio e das passagens aéreas (tabela 1). Em termos absolutos, a faixa de renda muito baixa registrou a maior deflação (-0,40%), ao passo que o segmento de renda média-alta apresentou a queda menos intensa dos preços (-0,23%). Por certo, a redução da tarifa de energia elétrica, combinada à deflação dos alimentos no domicílio, explica o resultado mais favorável das famílias de renda muito baixa, dado o peso destes itens nas suas cestas de consumo. Por sua vez, a queda das passagens aéreas intensificou o alívio vindo dos combustíveis e levou a inflação do segmento de renda alta de 0,32%, em julho, para -0,34%, em agosto.

No acumulado do ano, até agosto, a faixa de renda baixa é a que apresenta a maior inflação (3,27%), impactada, especialmente, pela alta de 3,4% dos preços dos alimentos no domicílio, nos oito primeiros meses de 2026. Por sua vez, a faixa de renda média-alta é a que aponta a taxa menos elevada (2,96%). Já no acumulado de doze meses, a faixa de renda muito baixa segue registrando a menor inflação (3,85%), enquanto o segmento de renda alta apresenta a maior taxa (4,63%).

A análise desagregada por grupos (tabela 2) indica que, em agosto, as principais pressões inflacionárias vieram do grupo despesas pessoais, ao passo que habitação, alimentos e bebidas e transportes contribuíram negativamente para a inflação de todas as classes. Em relação às despesas pessoais, os impactos altistas vieram, sobretudo, do aumento dos cigarros (19,6%), que limitou o alívio inflacionário, especialmente nas faixas de renda mais baixas. Por sua vez, a redução da tarifa de energia elétrica (-7,6%) explica a contribuição deflacionária da habitação. No caso dos alimentos no domicílio, a manutenção das quedas de itens importantes da cesta de consumo, como cereais (-0,11%), tubérculos (-12,4%), hortaliças (-1,6%), aves e ovos (-1,6%) e café moído (-1,9%), beneficiou, especialmente, as famílias com menor poder aquisitivo, apesar das altas das carnes (0,61%) e dos leites e derivados (1,1%). Por fim, no caso dos transportes, observa-se que a deflação dos combustíveis (-0,91%), associada à queda de 13,2% das tarifas aéreas, trouxe alívio para todas as classes, com impacto mais expressivo na faixa de renda alta.

Na comparação com agosto de 2025, observa-se que embora todas as faixas de renda tenham registrado redução da inflação corrente, esta foi mais acentuada para os segmentos de rendas mais elevadas (gráfico 1). As quedas mais intensas da energia elétrica e das passagens aéreas, de 7,6% e 13,2% em 2026, ante recuos de 4,2% e 2,4%, respectivamente, em 2025, explicam grande parte deste alívio inflacionário.

Em contrapartida, a deflação menos intensa dos alimentos no domicílio (-0,61%, ante -0,83%) e a alta dos cigarros (19,6%, ante queda de 0,16%) limitaram a melhora, especialmente para as famílias com menor poder aquisitivo.

TABELA 1
Inflação por faixa de renda
(Em %)

	Variação mensal			Variação acumulada	
	Jun./26	Jul./26	Ago./26	Ano	Doze meses
IPCA	0,16	0,07	-0,32	3,11	4,22
Renda muito baixa	0,12	-0,05	-0,40	3,12	3,85
Renda baixa	0,16	0,01	-0,32	3,27	4,15
Renda média-baixa	0,15	0,01	-0,34	3,11	4,10
Renda média	0,14	0,05	-0,29	3,04	4,17
Renda média-alta	0,12	0,04	-0,23	2,96	4,16
Renda alta	0,24	0,32	-0,34	3,05	4,63

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).
Obs.: IPCA – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo.

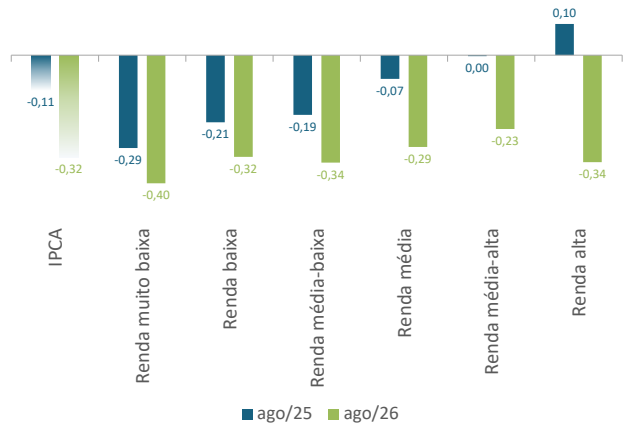
TABELA 2
Inflação por faixa de renda: contribuição por grupos (ago. 2026)
(Em %)

	IPCA	Renda muito baixa	Renda baixa	Renda média-baixa	Renda média	Renda média-alta	Renda alta
Inflação Total	**-0,32**	**-0,40**	**-0,32**	**-0,34**	**-0,29**	**-0,23**	**-0,34**
Alimentos e bebidas	-0,07	-0,14	-0,11	-0,09	-0,05	-0,05	-0,01
Habitação	-0,29	-0,47	-0,41	-0,35	-0,25	-0,17	-0,10
Artigos de residência	0,02	0,03	0,03	0,03	0,02	0,02	0,01
Vestuário	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,00	0,00
Transportes	-0,17	-0,05	-0,06	-0,13	-0,19	-0,19	-0,41
Saúde e cuidados pessoais	0,03	0,02	0,03	0,02	0,03	0,04	0,04
Despesas pessoais	0,13	0,18	0,19	0,15	0,11	0,09	0,08
Educação	0,03	0,02	0,02	0,02	0,03	0,03	0,05
Comunicação	0,00	-0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

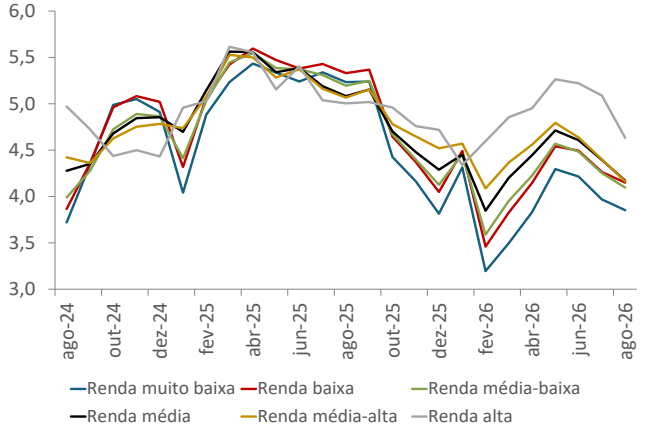
Após a incorporação do resultado de agosto de 2026, verifica-se que houve uma desaceleração generalizada da inflação acumulada em doze meses (gráfico 2). Em termos absolutos, a faixa de renda muito baixa registra a menor taxa inflacionária (3,85%), enquanto o segmento de renda alta apresenta a taxa mais elevada no período considerado (4,63%), abaixo dos 5,09% observados em julho.

GRÁFICO 1
Inflação por faixa de renda: variação mensal
(Em %)



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
Inflação por faixa de renda: variação acumulada em doze meses
(Em %)



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

As contribuições por grupos ao longo dos últimos doze meses indicam que alimentos e bebidas, habitação e saúde e cuidados pessoais foram os principais vetores inflacionários para as faixas de renda mais baixas (tabela 3). No caso do grupo alimentação e bebidas, além dos aumentos dos tubérculos (14,9%), das carnes (9,0%), dos leites e derivados (6,2%) e dos panificados (3,7%), a alta da alimentação fora do domicílio (5,4%) explica a pressão inflacionária. Em relação à habitação, os impactos estiveram associados, sobretudo, aos reajustes da energia elétrica (5,0%), do aluguel (5,0%) e da taxa de água e esgoto (6,3%). Por fim, no grupo saúde e cuidados pessoais, os pontos de pressão foram os preços dos produtos farmacêuticos (4,3%), dos itens de higiene (6,8%), dos serviços de saúde (6,1%) e dos planos de saúde (5,8%). Ressalta-se, ainda, que, para as famílias de renda alta, despesas pessoais, transportes e educação exerceram influência relevante, refletindo as altas dos serviços pessoais (6,0%), das passagens aéreas (26,3%) e das mensalidades escolares (6,8%).

TABELA 3
Inflação por faixa de renda: contribuição por grupos (acumulado em doze meses)
(Em %)

	IPCA	Renda muito baixa	Renda baixa	Renda média-baixa	Renda média	Renda média-alta	Renda alta
Inflação Total	**4,22**	**3,85**	**4,15**	**4,10**	**4,17**	**4,16**	**4,63**
Alimentos e bebidas	0,75	0,76	0,86	0,80	0,79	0,70	0,55
Habitação	0,76	0,99	0,92	0,82	0,68	0,68	0,50
Artigos de residência	0,05	0,03	0,05	0,06	0,04	0,06	0,05
Vestuário	0,15	0,15	0,15	0,15	0,15	0,14	0,15
Transportes	0,62	0,38	0,53	0,65	0,63	0,54	0,83
Saúde e cuidados pessoais	0,80	0,79	0,81	0,77	0,84	0,86	0,76
Despesas pessoais	0,63	0,47	0,53	0,51	0,57	0,68	1,00
Educação	0,37	0,21	0,21	0,24	0,38	0,42	0,72
Comunicação	0,09	0,08	0,09	0,10	0,09	0,09	0,07

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4
Faixas de renda mensal domiciliar

Faixa de renda	Renda domiciliar (R$ jan./2009)	Renda domiciliar (R$ jan./2026)
1 - Renda muito baixa	Menor que R$ 900,00	Menor que R$ 2.299,82
2 - Renda baixa	Entre R$ 900,00 e R$ 1.350,00	Entre R$ 2.299,82 e R$ 3.449,73
3 - Renda média-baixa	Entre R$ 1.350,00 e R$ 2.250,00	Entre R$ 3.449,73 e R$ 5.749,55
4 - Renda média	Entre R$ 2.250,00 e R$ 4.500,00	Entre R$ 5.749,55 e R$ 11.499,11
5 - Renda média-alta	Entre R$ 4.500,00 e R$ 9.000,00	Entre R$ 11.499,11 e R$ 22.998,22
6 - Renda alta	Maior que R$ 9.000,00	Maior que R$ 22.998,22

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Equipe de Assistentes:

Ana Muanis Roquete
Caio Rodrigues Gomes Leite
Juliana Alves de Souza França;
Maria Natalina Ferrera Costa
Marcelo Guedes Pecly
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira
Thaíssa Soares Machado Dutra

Equipe Administrativa:

Aline Conceição Santos
Carla Nunes Menezes
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.